

Comentários a “Repensa a sociedade à luz da experiência” de António Pedro Does

Completo muito utilmente o meu conhecimento da evolução recente de Portugal, em particular nestes últimos anos, e acrescenta várias peças aos meus dossiers sobre direito e justiça em Portugal.

Inteiramente de acordo com muitas das teses defendidas ao longo dos textos, designadamente:

- A prioridade que deveria finalmente ser dada aos fenómenos sociais emergentes (passim; uma referência que valia a pena aproveitar melhor neste esforço é Hannah Arendt, a referir também para relativizar a menção da escassez de estudos sobre o Holocausto: IV-6);
- A crítica feita ao conceito de “movimento social” de Touraine;
- O facto de vivermos numa sociedade assumidamente “em movimento” (o que talvez seja uma expressão mais apropriada do que “sociedade líquida” de Bauman) (I-131);
- A necessidade de avançar nos intercâmbios com as ciências da natureza (II-11);
- A importância de se analisar a transformação da crise de crise da Banca a crise da dívida soberana (III-6, IV-6, V-5);
- A necessidade de melhor captar as afinidades entre uma esquerda libertária saída de “Maio de 68” e o neo-liberalismo (II-2, IV-6, uma ideia também defendida por Luc Boltanski no “Nouvel esprit du Capitalisme”, e em “Qu’est-ce que la critique?”)
- Criticar e ultrapassar o pudor da sociologia face à violência (V-3, VI-3 etc.; sobre este ponto ver também Jan Reemtsma, *Violence et Confiance*, 2008/2011),

ou seja adiro no essencial à argumentação,

e em particular ao objectivo geral de “reconciliar o sociólogo com o cidadão” (VI-7),

A diferença mais importante, provavelmente, está na minha opção de articular reflexões desta natureza com uma adequada consideração do fenómeno da diferenciação funcional, que se acentua em certos domínios (autonomização dos mercados financeiros) mesmo que se encontre sob pressão noutros (a ciência que se torna peritagem ao serviço das organizações). Necessidade a meu ver de conciliar esta exigência com a de “desenvolver agilidade suficiente para ser capaz de adoptar formas não diferenciadoras de pensar (...)” (III-10) Os meus esforços nesta perspectiva levam-me a esquematizações que não se deixariam bem conciliar, por exemplo, com o quadro p. I-141, nesta fase.

Algumas reservas:

- I-127 (gralha?) fim da p. primeiro “Forum económico Mundial” (e não social) e depois “Forum social mundial”?

- I-130: o que conduziu à formação das democracias populares tal como existiram durante algumas décadas foi, creio eu, uma acção político-militar sem equivalente nos outros processos evocados neste lugar do texto. Eu separaria melhor.

- I-142: não consigo entender a expressão “revolução dos cravos ... protótipo da revolução violenta”. “Deuxième degré”?

- II-4: Leio o sumário da situação islandesa como contrariando o que me chegou por outras fontes. Mas ter lido mal, ou as minhas fontes serem de má qualidade.

- II-4: ausência de treino para acções não violentas: na greve de Novembro, os estudantes relataram-me intervenções deles ao lado dos piquetes de greve da carris que pareciam bem consistir em aplicar receitas de luta não violenta.

- II-9. A expressão “multiplicação dos profissionais” mereceria a meu ver ser revista: suponho que se trata da multiplicação de empresários individuais (ou outro termo adequado). De resto parece-me que se assiste precisamente a ataques às profissões (saúde?) no âmbito da tal “movimentação” da sociedade.

- III-11 Parece-me infeliz sugerir que Maio de 68 conduziu à demissão do presidente. Pelo contrário, conduziu a eleições que o reforçaram. Terá apesar disto significado uma quebra, mas foi necessário de Gaulle apresentar ele próprio um referendo, como objectivos que se poderiam qualificar de progressistas, para arranjar ele próprio um motivo de saída.

- V – Não acho que se possa dizer que os “faits divers” não tenha merecido atenção por parte da análise social. Encontrei vários trabalhos quando preparei *Comunicação social e representação do crime*, 2002, e lá algumas referências.

- VI-6: Eu hesitaria em esquematizar o pensamento de Mead utilizando a metáfora do teatro, francamente mais goffmaniana.

Um apontamento mais transversal: não seria conveniente citar nalgum momento BSSantos, com tantas referências aos Fora Sociais Mundiais, ou em particular p. III-5, onde uma referência ao conceito de “globalização contra-hegemónica” é quase inevitável?

O conjunto dos textos ganharia muito em ser revisto no sentido de estabelecer pontes, reduzir repetições.

Pierre, 23 de Janeiro de 2013